

Cardoso, Denise Porto; "Metodologia", p. 23-34 .  
In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações  
Subjetivas de Alguns Dialeto**s Brasileiros.  
São Paulo: Blucher, 2015. ISBN:  
978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-  
atitudeslinguisticas-005

# 3

## CAPÍTULO

# METODOLOGIA

## 3.1 UNIVERSO DE PESQUISA

A pesquisa realizou-se entre falantes aracajuanos. A cidade de Aracaju é capital do Estado de Sergipe desde 1955. Está situada às margens do rio Sergipe e é caracterizada como a primeira cidade brasileira especialmente traçada e projetada para ser capital de um Estado. Possui uma população, segundo o censo de 1970-1980, de 293.131 habitantes.<sup>2</sup>

Atualmente, as estimativas já indicam que essa população ultrapassa os 300 mil habitantes, o que representa 30% da população global do estado.

No início da década de 1970, o governo estadual implantou o Distrito Industrial de Aracaju (DIA), numa área de 120 hectares. O DIA conta atualmente com 76 empresas implantadas. Essas empresas produzem os mais variados produtos: móveis, azulejos, laticínios, produtos químicos, rolhas metálicas, ração balanceada, refrigerantes, detergentes, instrumentos musicais, soros, tecidos e confecções. As jazidas de minérios de Sergipe, já dimensionadas, demonstram

---

2 N.E.: Segundo o Censo de 2010, a população de Aracaju é de 571.149 habitantes. No entanto, é preciso considerar a região metropolitana de Aracaju, que, incluindo os municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora das Dores e São Cristóvão, totaliza 835.816 habitantes.

reservas significativas e ensejam o surgimento de outros tipos de indústria no Estado, além da Petrobrás, que, em Sergipe, produz 54.000 barris/mês de petróleo e 1.800.000 metros cúbicos de gás natural/mês, hoje já estão implantadas as unidades de amônia e ureia e a unidade de potássio – única no Hemisfério Sul.<sup>3</sup>

A única universidade existente, Fundação Universidade Federal de Sergipe (UFS), foi criada em 1967. Resultou da incorporação das seguintes escolas superiores em funcionamento na época: Direito, Química, Ciências Econômicas, Filosofia, Serviço Social e Medicina. Em 1980, a universidade transferiu-se para a Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, *campus* universitário situado numa área de 1.700.000m<sup>2</sup>, no município de São Cristóvão, antiga capital do Estado. Em 1985, ano em que se realizou a pesquisa, a UFS possuía um quadro de 5.367 estudantes, 516 professores e 814 funcionários.<sup>4</sup>

Os dois estados vizinhos de Sergipe são Bahia e Alagoas. A distância entre Aracaju e as duas capitais vizinhas é praticamente a mesma. São apenas cinco horas, em viagem de ônibus, de Aracaju a Maceió ou a Salvador. O contato dos aracajuanos foi sempre maior com Salvador, tanto por ser um centro mais desenvolvido e pela facilidade de acesso, como pelo fato de Sergipe já ter sido território baiano. A comunicação com a cidade de Maceió só veio a aumentar depois da construção da ponte sobre o rio São Francisco ligando as cidades de Propriá, em Sergipe, e Porto Real do Colégio, em Alagoas.

## 3.2 AMOSTRAGEM

Vários passos foram dados no sentido de se conseguir a amostra adequada ao estudo proposto. Considerou-se que contatar a esmo com elementos dispersos por Aracaju redundaria num projeto pouco econômico. Seria desejável, portanto, um levantamento que incluísse locais onde aracajuanos de ambos os sexos,

---

3 N.E.: Para entender as mudanças ocorridas nos últimos 25 anos, recomendamos a leitura de MELLO, Ricardo Oliveira Lacerda; SOUZA, Aldemir do Vale. Estrutura e dinâmica da economia sergipana (1970-2002). *Economia política do desenvolvimento*, vol. 1, n. 7, p. 47-82, 2010.

4 N.E: Atualmente, além de diversas instituições de ensino superior, Sergipe possui duas universidades, a Universidade Tiradentes, privada, e a Universidade Federal de Sergipe, que seguiu o movimento de expansão e interiorização. São mais cinco *campi* (Saúde, Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto e Nossa Senhora da Glória, este em implantação), 25.224 alunos matriculados em cursos de graduação presenciais, 2.042 alunos matriculados em cursos de pós-graduação, 1.479 servidores técnico-administrativos e 1.419 docentes efetivos no ensino superior, segundo dados do ano de 2014 compilados pela Coordenação de Planejamento e Avaliação Acadêmica – COPAC.

várias idades e diferentes níveis de escolaridade fossem em número significativo e pudessem ser entrevistados.

A Secretaria de Educação do Estado de Sergipe e a Universidade Federal de Sergipe se mostraram locais viáveis para a aplicação da pesquisa. Em ambos os órgãos teríamos acesso facilitado, como ex-professora do estado e como professora da Universidade. Optamos pela universidade porque, localizada no *campus*, ela centralizaria, em um só local, todas as variáveis: sexo, idade e escolaridade, e porque, além dos funcionários e dos corpos docente e discente universitários, poderíamos contar com os alunos do Colégio de Aplicação, que nos dariam a variável “idade I” (de catorze a trinta anos) combinada com a variável “escolaridade I” (primeiro grau incompleto) e “escolaridade II” (primeiro grau completo e segundo grau incompleto). Além disso, nessa instituição, não contamos com embaraços para contatos individuais em local de trabalho pois, como sabemos, as pesquisas, seja qual for o setor, nem sempre são bem recebidas. Desconfia-se dos objetivos da investigação, supondo tratar-se de alguma manobra sub-reptícia, cuja finalidade precípua seria colher informações que pudessem ser aproveitadas em divulgações através da imprensa ou levadas ao conhecimento da justiça do trabalho.

Não contamos com ninguém que se negasse a responder o questionário, embora algumas vezes tivéssemos deixado de aplicá-lo porque alguns informantes do sexo feminino se negavam a dizer a idade.

Tradicionalmente, a literatura sociolinguística tem investigado o condicionamento social da linguagem concentrando-se, basicamente, no papel dos fatores “sexo”, “idade”, “escolaridade”, “situação de fala”, “situação geográfica”, “etnia” e “classe social”.

Destas variáveis, o nosso trabalho concentrou-se apenas nas variáveis “sexo”, “idade” e “escolaridade”. Não foram vistas as variáveis “situação geográfica” e “etnia” porque analisamos uma comunidade relativamente homogênea quanto a estas variáveis. Procuramos unificar as condições das entrevistas de modo que todos os falantes estivessem expostos à mesma “situação de fala” (registro formal/informal), o que anulou as variações de registro.

Sabemos da dificuldade existente no tocante ao estabelecimento de critérios para classificação de indivíduos numa escala socioeconômica. No Brasil, dois órgãos se responsabilizam por esse tipo de trabalho: a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Ambos os órgãos recebem críticas principalmente nos estabelecimentos de critérios que poderiam invalidar uma classificação: falsa declaração de renda, variação do tamanho das famílias, existências de rendas extras, etc.; por estas poucas observações podemos, além de detectar possíveis desencontros de “pontos de partida”

destes dois órgãos, avaliar a complexidade amalgamação de fatores sociais e econômicos. Assim, optamos por não utilizar a variável “classe social”. Acrescenta-se ainda a dificuldade de se definir claramente o conceito de classe social tal como se apresenta na sociedade brasileira entre os especialistas da área de ciências sociais.<sup>5</sup>

O questionário foi aplicado a 144 falantes, 72 de cada sexo, na faixa de no mínimo 14 e no máximo de 70 anos.

A diferença de sexo dentro da Sociolinguística tem sido – e continua sendo – um objeto de permanente discussão.<sup>6</sup> A oposição entre a fala dos homens e mulheres conta com uma extensa bibliografia e já ficou demonstrado ser a diferença de sexo um fator condicionante de heterogeneidade linguística. Já em 1899, Louis Gauchat, ao estudar a fala da localidade de Charbey, na Suíça, verificou que as mulheres tinham uma consciência linguística mais clara do que os homens e eram mais propícias às inovações: as mulheres estavam numa geração à frente dos homens.

Com o desenvolvimento da linguística surgiram outros trabalhos, como os de Terracini, Rohlf, Pop, Gliera, Badia, Alvar, Gregório Salvador, que mostram

---

5 N.E.: Ainda hoje, classe social é uma categoria evitada nos estudos sociolinguísticos brasileiros, pelas mesmas razões apontadas 25 anos atrás.

6 N.E.: A discussão acerca dos efeitos de sexo/gênero na língua ainda é tema de discussão. Ao identificar mudanças sociais concernentes à relação entre a linguagem e o papel contemporâneo das mulheres e das relações de gênero, faz-se ainda necessário propor ajustes teórico-metodológicos no campo da Sociolinguística desenvolvida no Brasil com fins de oferecer um instrumental de pesquisa atualizado para se refletir sobre as especificidades linguísticas desse grupo social no contexto brasileiro moderno. Estes são objetivos do projeto *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira* (CNPq 32/2012).

Ao traçar um panorama dos estudos sociolinguísticos quanto ao sexo/gênero, partimos do paradoxo do sexo/gênero (LABOV, 2001): em fenômenos sociolinguísticos estáveis, as mulheres apresentam taxas mais altas de variantes de prestígio do que os homens, em um comportamento conservador/conformista – conforme as normas explícitas; em mudanças com consciência social (*from above*), as mulheres adotam formas de prestígio em taxas mais altas do que os homens, em um comportamento inovador/conformista – conforme as normas explícitas; já em mudanças abaixo da consciência social (*from below*), as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens, em um comportamento inovador/não conformista – não conforme as normas explícitas. No entanto, tais generalizações muitas vezes decorrem de uma metodologia cujo controle do sexo é visto como uma variável categorizada do ponto de vista civil/biológico, mas com uma explanação predominantemente cultural, e não biológica (ECKERT, 1989). Assim, como captar nuanças de gênero de modo desatrelado do controle do sexo ainda é um desafio metodológico a ser superado.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. *Language Variation and Change*, n. 3, v. 1, pp. 245-267, 1989.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

ora a tendência arcaizante, ora a tendência inovadora na fala das mulheres. O dialetólogo Manuel Alvar (1966, p. 39) procurou mostrar que essa arcaicidade – ou não – depende muito mais do tipo da vida que as mulheres tinham em cada localidade. Procurou mostrar que, se por um lado as mulheres mantêm traços antigos, por outro, aceitam mais facilmente os neologismos, apresentando assim uma maior instabilidade na fala, ao contrário dos homens.

Poderíamos resumir afirmando que, em geral, a geografia linguística, de base rural, vê a fala das mulheres como conservadora, enquanto a dialetologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora. A explicação para isto estaria talvez no fato de que, num grande centro urbano, nos últimos anos, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo. Essas considerações são externas ao nosso estudo e meras hipóteses. Nesta pesquisa sobre avaliação linguística iremos verificar que as atitudes das mulheres são quase mais puristas enquanto negam ou afirmam mais fortemente sua opinião. Talvez a generalização que possamos fazer seja a de que a diferenciação de sexo quase sempre representa um papel de grande importância nas pesquisas sobre a fala.

A duração e a identificação de uma mudança linguística parecem estar correlacionadas também à distribuição de formas linguísticas em diferentes faixas etárias, permitindo assim uma interpretação dinâmica de fatos sincrônicos.

Alguns linguistas consideram que as diferenças de idade são mais importantes que as de sexo.<sup>7</sup>

A fim de estudar aspectos sincrônicos e diacrônicos simultaneamente, a dimensão temporal tem que ser subdividida. Deve-se fazer uma distinção entre tempo real e tempo aparente. Tempo real refere-se aos desenvolvimentos na evolução linguística num período arbitrário de tempo. Relaciona-se, portanto, às condições através do tempo, isto é, ao aspecto diacrônico. Tempo aparente refere-se ao

---

7 N.E: No cenário sociolinguístico brasileiro, o controle da variável “faixa etária” está sujeito a interações com outras variáveis, levando à quebra da ortogonalidade das células sociais compostas por escolarização e sinalizando o padrão curvilíneo decorrente do efeito do mercado de trabalho. A generalização de resultados a partir da gradação por faixa etária pode mascarar efeitos de outras variáveis, evidenciando a necessidade de ampliação de categorias sociodemográficas a serem analisadas, como a ocupação, perfil de consumo, etc.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In F. Coulmas (ed.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v. 6 n. 11, p. 105-121, 2005.

padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários em um determinado momento do tempo. Relaciona-se às considerações no tempo, isto é, ao aspecto sincrônico.

Tradicionalmente, considera-se que os hábitos linguísticos de representantes da geração mais jovem são menos “conservadores”. Isto, no entanto, nem sempre ocorre. A divisão em faixas etárias é completamente arbitrária e tem, em geral, razões práticas. No nosso caso, os informantes foram agrupados da seguinte forma, de acordo com a faixa etária:

- Faixa etária I – de 14 a 30 anos
- Faixa etária II – de 31 a 50 anos
- Faixa etária III – de 51 a 70 anos

À faixa etária foi acrescentando o nível de escolaridade, de acordo com o próprio sistema educacional do país.<sup>8</sup>

- Escolaridade I – 1º grau incompleto
- Escolaridade II – 2º grau incompleto
- Escolaridade III – 2º grau completo e superior em andamento
- Escolaridade IV – Superior (com diploma universitário)

Na variável “escolaridade III” e “escolaridade IV”, excluímos os alunos e professores do curso de Letras da UFS. Como se trata de uma pesquisa linguística, achamos que esses informantes poderiam preocupar-se com a sua função e censurar as respostas.

O quadro geral de informantes, de acordo com as três variáveis propostas foi:

<b>IDADE</b>	<b>14 - 30</b>		<b>31 - 50</b>		<b>51 - 70</b>	
<b>SEXO</b>	M	F	M	F	M	F
<b>ESCOLARIDADE 1º GRAU INCOMPLETO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>2º GRAU INCOMPLETO E 1º GRAU COMPLETO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>2º GRAU COMPLETO E UNIVERSITÁRIO</b>	6	6	6	6	6	6
<b>SUPERIOR</b>	6	6	6	6	6	6

8 N.E.: Atualmente, com o ensino fundamental de nove anos, a Escolaridade I refere-se do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e a Escolaridade II refere-se do 1º ao 3º ano do ensino médio.

A princípio, o número de falantes entrevistados foi fixado em 120, tendo cada célula cinco falantes. Utilizávamos os achados gerais de outras pesquisas na área da Sociolinguística, as quais têm revelado uma surpreendente uniformidade dos padrões que regem o comportamento dos diversos grupos de falantes. Labov, sem dúvida, o maior e mais experimentado investigador neste campo, observava que “a padronização dentro da variação é fácil de se descobrir: ela não requer a análise de gravações de centenas de indivíduos [...] ordenações regulares de estratificação social e estatística emergem mesmo quando nossas células contêm apenas cinco falantes” (LABOV, 1981, p. 204). Em outra ocasião, Labov recomendava ao *Central Institut of Indian Languages* o uso de “quatro ou cinco falantes em cada célula” (LABOV, 1972, p. 83).

Posteriormente, aumentamos o número total dos falantes entrevistados para 144, tendo em cada célula seis falantes, isto foi feito devido à divisão do questionário em duas partes: uma sem o estímulo da fala e a outra com o estímulo da fala. Assim, teríamos o mesmo número de entrevistados (três) em cada parte do questionário. Se o número de cada célula fosse cinco (5), uma parte do questionário seria respondida por três (3) e outra, por dois (2) falantes.

### 3.3 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

A análise das atitudes linguísticas ou das reações subjetivas de aracajuanos em relação ao seu dialeto, sob uma perspectiva sociolinguística, só é possível através de testes linguísticos de atitudes. Desses testes, um dos mais adequados parece ser o questionário, uma vez que, através dele, obtêm-se respostas mais claras e mais espontâneas, sem prejuízo de conteúdo das respostas que se obteriam com outros testes.

Consideramos também que o questionário apresenta a vantagem de uma ordem de questões estabelecidas por nós, de modo a ter sempre os mesmos enunciados, tornando assim mais fácil, futuramente, o registro das respostas. Estamos certos de que, desse modo, todos os informantes responderão às mesmas questões.

Consideramos ainda que vários autores são concordes em que o questionário, preenchido pelo informante, com indicações para que só preencha os dados pessoais no caso de se sentir totalmente à vontade para tal, contribui para manter o anonimato, importante neste tipo de pesquisa.

Nos questionários utilizamos uma adaptação da técnica do diferencial semântico de Osgood (1963), mas com uma escala de apenas seis espaços,

semelhantes à utilizada por Wolck (1973) na pesquisa sobre as atitudes em relação ao espanhol e o quéchua no Peru. Como na pesquisa de Wolck, não nos interessaria um ponto neutro porque não teríamos condições de depreender uma atitude positiva ou negativa. Consideramos válido, também, que o ponto neutro seria o mesmo que não responder ao questionário, o informante se eximiria de dar uma opinião. O informante deveria dar sua opinião colocando um “X” no espaço correspondente à sua escolha, cujas possibilidades variam de acordo com os seguintes critérios que se referem ao enunciado de cada item do questionário:

- a. Estar totalmente de acordo
- b. Estar de acordo
- c. Estar mais ou menos de acordo
- d. Estar mais ou menos contrário
- e. Estar contrário
- f. Estar totalmente contrário

Por exemplo, suponhamos que o item tenha o seguinte enunciado: a fala “modo de falar” do aracajuano tem a sonoridade agradável ou desagradável.

Agradável X:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está totalmente de acordo

Agradável \_\_:X:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está de acordo

Agradável \_\_:\_\_:X:\_\_:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está mais ou menos de acordo

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:X:\_\_:\_\_ Desagradável - se se está mais ou menos contrário

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:\_\_:X:\_\_ Desagradável - se se está contrário

Agradável \_\_:\_\_:\_\_:\_\_:\_\_:X Desagradável - se se está totalmente contrário

Para que possamos alcançar o nosso objetivo, estabelecemos uma espécie de taxonomia dos elementos cognitivos, efetivos e conativos que se manifestam frequentemente nos falantes aracajuanos e que seriam considerados típicos relacionados a dois grandes temas: a) o dialeto aracajuano como tal e aquilo que ele suscita em seus usuários; b) o dialeto aracajuano em relação a outros dialetos nordestinos (baiano e alagoano) e ao dialeto carioca.



Foram escolhidos os dialetos baiano e alagoano não por serem os mais representativos do nordeste, mas por estar Sergipe situado entre esses dois estados: Bahia ao sul e Alagoas ao norte. Escolheu-se ainda o dialeto carioca por ser ele o dialeto mais prestigiado da língua portuguesa no Brasil.<sup>9</sup>

Trabalhamos com amostras gravadas de falantes selecionados, que funcionaram como estímulos às manifestações de atitudes, e que deveriam ser ouvidas pelos informantes para que, após audição atenta, através de perguntas estabelecidas, pudéssemos colher suas impressões.

O questionário foi constituído considerando-se uma divisão em duas partes:

1. Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes declaram ter quanto ao seu próprio dialeto (aracajuano) e aos dialetos alagoano, baiano e carioca.
2. Questões objetivando verificar as atitudes que os informantes têm com relação a seu próprio dialeto e aos dialetos alagoano, baiano e carioca. As perguntas nesta parte do questionário versaram sobre nove amostras de fala gravadas.

O ideal seria que a seleção das amostras de falantes fosse totalmente com base em trabalhos dialetológicos pois, assim, as características distintivas entre os diferentes fatores seriam levantadas e, de posse de tal levantamento, encontrar-se-iam informantes que mais se aproximassem de um “ótimo”, para que suas falas pudessem servir como “modelo”. Infelizmente, os trabalhos da área enfatizam apenas alguns aspectos linguísticos.

Foram felizes diversas gravações com indivíduos de Aracaju, Salvador, Maceió e Rio de Janeiro, num total de quatro horas gravadas. Consideramos fundamental nesta fase do trabalho que os falantes estivessem dispostos a falar, bem à vontade, sem tentar policiar a fala e que falassem dentro de um estilo o mais espontâneo possível.

Foram elaboradas duas questões bem gerais objetivando-se, oportunamente, selecionar amostras de fala que serviriam como estímulo.

- a. O que você faria ganhasse sozinha na loto?
- b. Qual sua opinião sobre o feminismo?

---

<sup>9</sup> NE: Não há atualmente uma evidência empírica para esta escolha. No entanto, os mesmos fatores que agiam 25 anos atrás continuam agindo atualmente, como a influência da televisão e seu papel de difusora de uma norma.

Foram incentivadas as respostas longas, a fim de se obterem trechos significativos e compactos, quando da seleção. Foi dito às pessoas entrevistadas que se estava fazendo uma “pesquisa de opinião” com indivíduos de vários estados brasileiros, objetivamente saber como pensavam, com relação a certos assuntos, pessoas de diferentes procedências.

A seleção desses falantes foi feita considerando-se:

- a. Procedência (lugar de nascimento)
- b. Idade (estabeleceu-se uma faixa de 25 a 35 anos)
- c. Filiação (deveriam ter como ascendentes diretos (pai e mãe) pessoas do mesmo estado e cidade)

Estas restrições foram impostas visando assegurar o controle de possíveis variáveis nos diferentes dialetos.

Considerando válidas as afirmações feitas por Wolck (1973, p. 372), justificamos o fato de não termos usado palavras isoladas (ou listas de palavras) na escolha de nossas amostras ou estímulos:

*Se palavras isoladas forem escolhidas como amostras ou estímulos são, obviamente, apenas um subconjunto muito pequeno das representações fonológicas que passam a constituir uma variável, e portanto, influenciar o julgamento do ouvinte. É bem razoável presumir que todos os níveis de expressão linguística sejam utilizados por um ouvinte para o diagnóstico de status dos falantes, principalmente características morfosintáticas, seleção, boa dicção, velocidade de fala, etc. O ouvinte deve ter acesso a todas essas variáveis potenciais quando se pede a ele para julgar a fala de outra pessoa.*

Foram entrevistados 12 falantes de Aracaju e três de cada uma das demais cidades. Objetivando não haver mistura de fala, optamos por trabalhar apenas com falantes femininas. Pela audição e análise das gravações, foram selecionadas, por nós com ajuda de colegas do departamento de Letras da UFS, as mais representativas dos dialetos de Salvador, Rio de Janeiro e Maceió, e seis de Aracaju. Das nove gravações selecionadas, foram escolhidos trechos de, aproximadamente, dois minutos de duração. Visando-se uma uniformidade de assuntos, preferimos a amostra que respondia à pergunta:

- a. O que você faria caso ganhasse sozinha na loto?

Esta pergunta deu origem a respostas mais longas, que facilitaram a seleção dos trechos mais neutros quanto à procedência do indivíduo, quer geográfica, quer social, e despidos de quaisquer aspectos que pudessem influenciar as respostas dos futuros entrevistados.

As amostras selecionadas foram reunidas em fita K-7, que rotulamos fita -estímulo, separadas por 20 segundos de silêncio. Usamos duas falas de Aracaju (segunda e quarta falas) para que a fala nativa das informantes separasse as falas de outras regiões. Como o falar carioca é o mais prestigiado, colocamos a fala carioca como a quinta fala. Sendo o falar alagoano o mais estigmatizado, colocamos a fala alagoana como a terceira e a fala baiana, a primeira. A disposição das falas na fita-estímulo ficou sendo a seguinte:

1. Salvador
2. Aracaju
3. Maceió
4. Aracaju
5. Rio de Janeiro
6. Aracaju (escolaridade III)
7. Aracaju (escolaridade IV)
8. Aracaju (escolaridade I)
9. Aracaju (escolaridade II)

### 3.4 COLETA DE DADOS

Definindo o *corpus* da pesquisa e determinado que o *campus* universitário nos daria todas as variáveis a serem trabalhadas, passamos à verificação da validade do questionário, com o pré-teste.

Após a sua elaboração, o questionário foi submetido a doze aracajuanos, distribuídos entre as três faixas e aos quatro graus de escolaridade, para que se verificasse a sua representatividade.

Com esse pré-teste, concluímos que o questionário estava muito longo e por isso mesmo optamos por dividi-lo em duas partes: a primeira sem o estímulo da fita gravada e a segunda com o estímulo da fita gravada. Uma outra conclusão do pré-teste foi não aplicá-lo a estudantes e professores do Departamento de Letras.

Eles reprimiram muitas respostas espontâneas, analisando-as segundo os seus conhecimentos linguísticos. O pré-teste motivou também o aumento do número dos informantes: passamos de cinco para seis por célula, a fim de que tivéssemos um número par, o que nos permitiria dividir cada parte do questionário por igual número de informantes.

O questionário foi aplicado na sua maioria a grupos de falantes no seu local de trabalho ou de estudo – a universidade. Após o término do período das aulas, faltando ainda alguns informantes, aplicamos questionários na residência dos informantes. Estes sempre eram ligados à universidade: aposentados, ex-alunos ou mesmo alunos em férias.

Após uma apresentação rápida e o menos formal possível, solicitávamos a colaboração dos indivíduos para o trabalho em andamento, dando-lhes inteira liberdade de se recusarem a colaborar. Em alguns casos, a receptividade foi tão grande que aplicamos aos mesmos informantes as duas partes do questionário.

Na segunda parte do questionário, em que havia questões voltadas para estímulos gravados, além da rápida apresentação, procuramos enfatizar que acertar as respostas não era o fundamental. O que queríamos saber era a opinião das pessoas e o que elas realmente pensam quando ouvem tais falas.

Mostrávamos a fita-estímulo ao informante dizendo-lhes que o conteúdo das falas, ou seja, aquilo sobre o que a pessoa estava falando, não nos interessava. Importava o modo, a maneira, o jeito de a pessoa falar, o como ela fala. Cada amostra de fala era ouvida apenas uma vez e, após a audição de cada amostra, respondia-se a perguntas sobre aquela fala.